

Cadernos Teologia Pública



*FRANCISCUS NON CANTAT: UM DISCURSO, ALGUNS PERCURSOS
E RESSONÂNCIAS ACERCA DA MÚSICA LITÚRGICA PÓS-CONCILIAR*

Márcio Antônio de Almeida

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)
ano XVI • número 141 • volume 16 • 2019



**FRANCISCUS NON CANTAT: UM DISCURSO, ALGUNS PERCURSOS E RES-
SONÂNCIAS ACERCA DA MÚSICA LITÚRGICA PÓS-CONCILIAR**

**FRANCISCUS NON-CANTAT: A SPEECH, SOME PATHWAYS AND
RESONANCES ABOUT THE POST-CONCILIARY LITURGICAL MUSIC**

Resumo

O Congresso Música e Igreja: culto e cultura aos 50 anos da *Musicam Sacram*, ocorrido em Roma, de 2 a 4 de março de 2017, reuniu argumentos acerca da música sacra, no âmbito pós-conciliar. Entre as convergências, reproduções e dissensos de implementação, o Congresso representou um espaço oficial de partilha de modos de conceber a música em chave eclesial. Ocorrido durante o pontificado de Francisco, em comemoração aos 50 anos da aprovação da Instrução *Musicam Sacram*, esperava-se que, de modo representativo, diferentes vozes do culto e da cultura dessem conta de relatar as construções próprias no âmbito da música sacra em diferentes contextos.

Palavras-Chave: Música; Igreja; Pós-conciliar

Abstract

The Congress Music and Church: cult and culture 50 years after *Musicam Sacram*, take place in Rome, on March 2nd-4th, 2017, gathered arguments about the sacred music in postconciliar environment. Between convergences, reproduction and dissents or disagreements of implementation, the Congress has represented one official space to share different conceptions of music in church-key. Occurred during the pontificate of Pope Francis, in commemoration to the publication of the instruction *Musicam Sacram*, the main desire was that different voices from worship and culture brought their own and authentic particularities or peculiarities regarding different contexts.

Keywords: Music; Church; Post-conciliar

FRANCISCUS NON CANTAT:
UM DISCURSO, ALGUNS PERCURSOS E RESSONÂNCIAS
ACERCA DA MÚSICA LITÚRGICA PÓS-CONCILIAR

Márcio Antônio de Almeida

Coordenador do Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Música Litúrgica - UNISAL.

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *Pedro Gilberto Gomes, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Gerente administrativo: *Jacinto Schneider*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XVI – Vol. 16 – Nº 141 – 2019

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuita de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PU-CRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, EST-RS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Rafael Francisco Hiller.

Revisão: Carla Bigliardi

Imagem da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração: Gustavo Guedes Weber

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- . v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014).

ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467

Email: humanitas@unisinos.br

FRANCISCUS NON CANTAT: UM DISCURSO, ALGUNS PERCURSOS E RESSONÂNCIAS ACERCA DA MÚSICA LITÚRGICA PÓS-CONCILIAR

Márcio Antônio de Almeida

Coordenador do Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Música Litúrgica - UNISAL.

Introdução

Este artigo tem o propósito de descrever uma paisagem de um tempo da história para perscrutar um modo de pensar, e prever algumas ressonâncias a partir de um evento ocorrido em março de 2017, na Cidade do Vaticano, sob os auspícios da Cúria Romana, cujo interesse esteve concentrado na temática da música sacra¹. Não se tratou de um evento com consequências generalizantes. De modo subliminar, esteve em jogo um processo de consolidação de base, que é, ao mesmo tempo, fronteira para discursos mais refinados e projeto de continuidade

1 Ao longo do texto, optou-se pelo tratamento indistinto entre os termos música sacra e música litúrgica.

de um modelo eclesial: a reforma litúrgica e, em especial, a renovação musical sacro-litúrgica.

Papa Francisco, a quem interessa este Simpósio, ascendeu² hierarquicamente durante o longo pontificado de João Paulo II, tendo sucedido a Bento XVI, por ocasião de sua renúncia. Esta “herança” coloca-o numa posição nada cômoda, pois o contexto e a conjuntura global encontram-se sobremaneira complexos e sem uma conformação estável a médio ou longo prazo.

No atual contexto, referir-se à música litúrgica pode assumir uma conotação menor para um estudioso

2 Bispo: 20 de maio de 1992; Arcebispo: 3 de junho de 1997; Cardeal: 21 de fevereiro de 2001.

do campo teológico-litúrgico mal inserido em reflexões mais conectadas. O canto e a música litúrgica são uma identidade eclesial cujo tratamento ainda precisa ser levado mais a sério para galgar-lhe um posto menos dado à superficialidade e ao formalismo musical e repertorial.

Pouco ou nenhum canto se faz ouvir da voz do Papa Francisco. No entanto, o seu não cantar pode ser revelador de um modo de conceber o canto e a música na liturgia. Suas atitudes e opções têm revelado um compromisso como a propagação dos ideais conciliares e estão em sintonia com o pensamento e prática latino-americanos, do qual Francisco (Dom Jorge Mario Bergoglio) é originário.

Qual a relevância dessa “omissão” e como vislumbrar uma concepção pós-conciliar de liturgia e de música? Para uma Igreja que manteve o canto como tradição mais evidente, a ausência da voz de seu pastor seria capaz de negar a importância da música litúrgica? Ou, por outro lado, os ministérios litúrgico-musicais teriam uma atuação efetiva em fazer cantar com todos os sentidos?

A opção contemporânea e pós-conciliar pelo termo música sacra é reveladora de um *modus operandi*

dado à anacronia. Seria, portanto, a única via terminológica de diálogo entre as culturas e povos e à qual a musicologia há que se conformar?

Estranhamente, o Brasil, com ampla caminhada neste âmbito, não se fez representar. De fato, teríamos muito a dizer acerca de nossa interpretação da reforma litúrgica em vista da música. É provável que não tenhamos nos ocupado de um relato mais acurado sobre o inquérito global da Santa Sé sobre a música sacra. Perdemos, talvez, uma boa oportunidade de mostrar um serviço altamente fecundo no campo da música litúrgica.

1 O congresso *musica e chiesa*: retrospectos e confluências

O pretexto para discutir o “não cantar” de Francisco está amparado em um evento comemorativo ocorrido em Roma, entre os dias 2 e 4 de março de 2017: o Congresso Música e Igreja, aos 50 anos da Instrução *Musicam Sacram*, que, no Centro de Congressos Augustinianum, reuniu 350 participantes provenientes de 39 países ao redor do mundo. Entre

os participantes estavam representantes de conferências episcopais e congregações religiosas, músicos, coordenadores diocesanos de música litúrgica, associações e movimentos.

O Congresso reuniu muitos argumentos acerca da música sacra, em âmbito pós-conciliar. Nele, houve espaço para refletir acerca de outras nomenclaturas, mas optou-se pela preservação do consenso a partir dos documentos. Esperava-se que, de modo representativo, diferentes vozes do culto e da cultura dessem conta de forjar as consequências de um projeto iniciado no primeiro tempo da reforma do Concílio Ecumênico Vaticano II. Entre as convergências, reproduções e dissensos de implementação, o Congresso representou um espaço oficial de partilha de modos de conceber a música em chave eclesial. Nele, percebeu-se o que se entende por oficialidade, mas também os ajustes ao modelo oficial, com enfoque em diferentes realidades eclesiais pelo mundo.

O uso dos termos culto e cultura no desenvolvimento temático do Congresso apresentam um arrojado contemporâneo em discursos devotados a essa causa. Entretanto, a percepção dessa interação é um critério a ser aprofundado no horizonte. As falas a partir

do “centro” arriscaram-se a uma compreensão mais localizada sobre os avanços e possibilidades do processo de renovação litúrgico-musical, na tentativa de recitar com o salmista: “tudo aquilo que ouvimos e aprendemos, e transmitiram para nós os nossos pais, não haveremos de ocultar a nossos filhos, mas à nova geração nós contaremos”³. Todavia, as soluções, por vezes criativas, são soluções para uma circunscrição, sem a intenção de generalização, haja vista que o termo e a prática da inculturação implicam em desafio constante à liturgia.

A adição dos termos música e igreja pode ser problemática na base da compreensão do papel da música nas ações eclesiais, apesar de ser uma aproximação bem aceita discursivamente. O canto litúrgico e a música litúrgica estão atrelados ao modelo de Igreja que se estabelece numa dada configuração. A Igreja prima por um discurso oficial, mas as leituras e interpretações estão passíveis de omissões. Isto é um ponto crucial na compreensão da música litúrgica pós-conciliar.

As definições e as primeiras implementações acerca do Concílio Vaticano II ocuparam a segunda metade

3 SI 77(78),3-4b.

da década de 1960. Não é possível uma única leitura de contexto para os caminhos percorridos à “luz” e à “sombra” do Concílio, mas a produção documental dá conta de traduzir os acordos travados para forjar a novidade da Igreja que se abriria ao futuro por graça e força desse evento.

A liturgia, ou seja, a constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, ocupou uma pauta-chave no trabalho dos padres conciliares, sendo a sua primeira grande tarefa, com implicações imensuráveis. É sabido que as demais constituições, *Lumen Gentium*, *Dei Verbum* e *Gaudium et Spes*, renderam maiores esforços por parte dos padres conciliares, na continuidade do Concílio. Felizmente, a liturgia foi celebrada cotidianamente durante as sessões do Concílio, de modo a que a “lembrança” da necessidade de levar em consideração este aspecto da vida da Igreja não se extinguiu, pelo contrário, foi sendo intensificada.

O Congresso buscou evidenciar a importância da Instrução para o passado, presente e futuro da Igreja. A elaboração de *Musicam Sacram* gozou de profundas controvérsias, de modo que as soluções propostas foram as possíveis. No entanto, aponta muitos acertos por estar amparada na *Sacrosanctum Concilium* e por fornecer

-lhe os necessários desdobramentos para o tempo que se segue.

Para tratar do tema da música sacra de forma competente, contou-se com peritos e suas diferentes concepções que foram, ao mesmo tempo, a riqueza e o desafio. Em março de 1967, o *Consilium ad Exsequendam Constitutionem de Sacra Liturgia* e Congregação dos Ritos, aprovou a instrução *Musicam Sacram* que ratifica as orientações decorrentes do Concílio. Conta-se que o Papa Paulo VI acompanhou boa parte do trabalho da *tormentatissima elaborazione*⁴ desse documento. O tratamento da temática musical na liturgia a partir do capítulo sexto da carta conciliar sobre a sagrada liturgia ocupou um capítulo à parte no desenrolar da renovação pós-conciliar.

A partir do *Inquérito para as Conferências Episcopais, aos Institutos Religiosos Maiores e às Faculdades de*

⁴ A Instrução levou praticamente dois anos para ser concluída. Foram, ao todo, doze versões entre 12 de fevereiro de 1965 e 2 de fevereiro de 1967. A partir da décima versão (21 de abril de 1966), o papa Paulo VI passou a intervir pessoalmente para resolver um impasse entre o *Consilium* e alguns músicos tradicionalistas. Cf. RAINOLDI, 2000, p. 575.

*Teologia: Música Sacra, 50 anos depois do Concílio*⁵ de 2013, promovido pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos e o Pontifício Conselho da Cultura, foi definido o temário do Congresso, e foram convidados conferencistas, alocando-os aos aspectos apontados pelo texto. O inquérito tinha como objetivo uma leitura em escala global da música litúrgica pós-conciliar. Os resultados se tornaram critério de decisão para a temática do Congresso que buscou, por meio de suas conferências, dar conta dos pontos norteadores da Instrução. O Quadro 1 ilustra os temas e os respectivos conferencistas do Congresso.

A página do Pontifício Conselho da Cultura apresentou o objetivo geral e os específicos do Congresso: “estimular uma reflexão profunda em termos musicais, litúrgicos, teológicos e fenomenológicos [...] na diversidade de modelos culturais”. Bem amplos e ousados, em sua elaboração, os objetivos foram atrelados à instrução *Musicam Sacram* e aos tópicos do Inquérito, a saber:

5 Conteúdo do inquérito: Preâmbulo; 1) Formação dos cultores da música para um serviço ministerial; 2) Patrimônio musical; 3) Cultura musical contemporânea; 4) Celebrações da Eucaristia, dos Sacramentos e da Liturgia das Horas; 5) Composição; 6) Coro; 7) Instrumentos; e Texto de acompanhamento.

- Refletir sobre o interesse atual pelo fenômeno musical sempre presente na história da Igreja.

- Avaliar o impacto da mudança de paradigma na compreensão da música na Igreja, 50 anos após a instrução *Musicam Sacram* (1967).

- Identificar as linguagens mais aptas com a qual celebrar, em tradução sonora, o louvor público, oficial e solene da Igreja.

- Recordar o lugar e o papel dos músicos de Igreja, abrindo para tradições litúrgicas não romanas.

- Recuperar a herança musical, em diálogo ecumênico e com a cultura contemporânea.

- Promover a necessidade urgente de formação qualificada dos diferentes ministérios musicais. (PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA, 2017, p. 12).

O Congresso, conforme anunciado, não se propunha a discutir “polêmicas estéreis”. Este termo, adjetivado desta maneira, dá margem a diferentes leituras e interpretações, levando a pensar que teríamos, quantitativamente, mais polêmicas do que consensos, talvez devido a uma desorientação de poderes e ao formalismo vigente nos modos de conceber a música litúrgica.

Quadro 1 – Relação das conferências e respectivos conferencistas do Congresso Música e Igreja. Roma, 2-4 de março de 2018.

Conferências		
2 de março	3 de março	4 de março
<p>Saudação e abertura Dom Carlos Moreira Azevedo, coordenador do Congresso e Card. Giuseppe Versaldi, Prefeito da Congregação para a Educação Católica</p> <p>Música e Palavra de Deus – uma abordagem hermenêutica Card. Gianfranco Ravasi, Presidente do Pontifício Conselho de Cultura</p> <p>Contexto cultural atual do fenômeno musical Michele Dall'Ongaro, Presidente da Academia Nacional de Santa Cecilia - Roma</p> <p>A pesquisa sobre o sacro na música atual Paul Inwood (Inglaterra)</p>	<p>S “Musicam sacram”: recensão do documento em contexto histórico Fr. Fergus Ryan, OP (Irlanda)</p> <p>Música, estética e teologia Jordi-A. Piqué, OSB, Presidente do Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo – Roma</p> <p>A música como linguagem de percepção do mistério da salvação Elmar Salmann, OSB (Alemanha)</p> <p>Novas músicas para as novas comunidades: mesa-redonda Ir. Marana Saad (Líbano), Fr. Alois, Prior da Comunidade de Taizé (França). Moderação: Richard Rouse, Pontifício Conselho de Cultura</p> <p>Abertura extraída da versão para piano da Paixão segundo São Mateus de J. S. Bach Andrea Coen e Chiara Bertoglio – Première</p> <p>Valorização do patrimônio histórico e musical da Igreja: critérios e experiências Chiara Bertoglio (Turim), Miriam Escudero (Cuba)</p> <p>A promoção da música contemporânea na Igreja: continuidade de um patrimônio Giorgio Battistelli (Teatro de Ópera de Roma); Gary Graden (Estocolmo, luterano); Bernat Vivancos (Barcelona, compositor). Moderação: Marcello Filotei, compositor, crítico musical e jornalista do L'Osservatore Romano</p> <p>Música e inculturação: mesa-redonda Pe. Renè Javier Hernandez Velez (Porto Rico), Dr. Dominique Anoha Clokou (Costa do Marfim), Ir. Veronica Yong (Coreia do Sul). Moderação: Prof. Dinko Fabris, musicólogo</p>	<p>As escolas de música sacra: formar para um ministério Dom Vincenzo De Gregorio, PIMS (Pontifício Instituto de Música Sacra)</p> <p>A função do coro e do animador da assembleia Henri Chalet - Notre Dame de Paris (França)</p> <p>A preparação dos diáconos e presbíteros ao ministério da música Pe. Daniel Escobar (Espanha)</p> <p>A música a serviço da comunidade cristã Prof. Eugénio Amorim (Portugal)</p> <p>Conclusão</p>
Audiência do Santo Padre		

Fonte: Pontifício Conselho da Cultura (<http://www.cultura.va/content/cultura/it/eventi/major/conference.html>). Tradução nossa.

2 O discurso do papa: citações e posicionamentos

Não é possível mensurar o impacto do discurso do Papa Francisco naquela ocasião, mas, a partir do que se encontra documentado e em cotejo com os outros textos reunidos, convém traçar um conjunto de impressões e marcas delimitadas e projetadas nesse contexto. Francisco, de fato, procurou ratificar os pontos de seu discurso a partir dos objetivos do Congresso, uma vez que o temário foi definido com larga antecedência e os textos não haviam sido ainda publicados.

Ainda assim, o que se ouviu na sala Clementina, no dia 4 de março de 2017, não foi uma voz isolada de um pontífice, mas o registro de um olhar ampliado sobre o valor da música para a liturgia, em estreita continuidade com o Concílio. Não há, em si, novidades em relação ao que se encontra nos documentos pontifícios sobre a música litúrgica. Percebe-se, todavia, uma dicção, um modo de dizer peculiar que, ao corroborar as orientações conciliares e os seus desdobramentos, quer significar que a base do pensar e fazer litúrgico-musical hodierna encontra-se em franca via de expansão e abertura a estudos e possibilidades. O texto da audiência e os

demais documentos encontram-se publicados, de modo que o acesso a eles enriquecerá sobremaneira a leitura.

Passados os protocolos regimentais, o Papa entrou propriamente no assunto em questão, referindo-se à “experiência de encontro e de diálogo vivida nestes dias, na reflexão comum sobre a música sacra e particularmente sobre os seus aspetos culturais e artísticos, seja frutuosa para as comunidades eclesiais”⁶. O Congresso, em si, não propiciou nenhum momento de troca de experiências, tampouco apresentou dados relativos ao inquérito global. Além de não dispor de um formulário de avaliação do Congresso em que tal falha pudesse ser mencionada. Havia, entre os participantes, vários representantes de organismos eclesiais e entidades de estudo e pesquisa em musicologia, liturgia e teologia com os quais este diálogo poderia ser enriquecido. Os participantes exerceram passivamente o seu papel.

Para firmar o contexto de seu discurso, Francisco retoma o objetivo geral do Congresso. É uma leitura sagaz das entrelinhas:

Meio século depois da Instrução *Musicam Sacram*, este congresso quis aprofundar, numa ótica interdisciplinar

⁶ PAPA FRANCISCO, 2017, p. 293.

e ecumênica, a relação atual entre a música sacra e a cultura contemporânea, entre o repertório musical adotado e utilizado pela comunidade cristã e as tendências musicais predominantes (não se consolidou). De grande relevo foi também a reflexão sobre a formação estética e musical, tanto do clero e dos religiosos, como dos leigos comprometidos na vida pastoral, e mais diretamente nas *scholae cantorum*⁷.

Vários pontos merecem ser considerados nessa citação. Para tanto, destacam-se alguns pormenores:

a) Ótica interdisciplinar. Isto se alcançou com sucesso tanto nas conferências como no plenário. Na mesa de debates estiveram teólogos, biblistas, liturgistas, musicólogos, musicistas e artistas em geral com um histórico de estudos e pesquisas no campo da música sacra na interação culto-cultura.

b) Ótica ecumênica. Merecem destaque três relatos: um da Igreja Luterana da Suécia, outro da Igreja Maronita Libanesa, e outro da Comunidade de Taizé. O representante da Igreja Luterana Sueca⁸ apresentou

um modelo de organização da música sacra reconhecidamente “ideal”, com investimentos em formação e em recursos. Além disso, relatou-se o trabalho realizado no âmbito das Igreja Maronita do Líbano⁹, com as especificidades da cultura local, inclusive relacionadas às melodias e às formas do canto. E, por fim, o relato da Comunidade de Taizé, na França¹⁰, enriqueceu essa perspectiva do Congresso.

c) A relação entre a música sacra e a cultura contemporânea. Neste aspecto, talvez o maior desafio do Congresso foi dar a perceber tal relação, seus limites e possibilidades. O discurso poderia ter-se arriscado a falar de “culturas contemporâneas”, pois percebeu-se que, não obstante a unidade normativa ao redor da *Musicam Sacram*, a diversidade de modos de conceber e a generalidade do termo música sacra representa um limite de compreensão e de implementação.

7 Id., p. 293.

8 GRADEN, Gary. Promotion of contemporary music in the Church: continuity of heritage. In: PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA CULTURA. *Musica e chiesa: culto e cultura a 50 anni dalla Musicam Sacram*. Roma: Aracne, 2017. p. 165-172.

9 SAAD, Marana. Nouvelles musiques pour de nouvelles communautés. In: PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA CULTURA. *Musica e chiesa: culto e cultura a 50 anni dalla Musicam Sacram*. Roma: Aracne, 2017. p. 121-138.

10 ALOIS, Fr. Nuove musiche per nuove comunità. In: PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA CULTURA. *Musica e chiesa: culto e cultura a 50 anni dalla Musicam Sacram*. Roma: Aracne, 2017. p. 139-144.

d) Repertório e tendências musicais predominantes. Um assunto difícil de ser tratado em um encontro desta magnitude que chega a fustigar o propósito do Congresso. Enquanto o latim é tratado como elemento de “unidade”, as expressões musicais dos povos, em muitos aspectos, ainda não são tratadas como riqueza. Muitas vezes, a música autóctone é percebida como um entrave e a ausência de estudos musicológicos que desvelem seu valor para além dos preconceitos do “olhar estrangeiro” só tem aumentado a dificuldade em percebê-la como valor e não como limite.

O Papa faz menção à *Sacrosanctum Concilium* que, conforme sua concepção, é basilar para compreender as necessidades de mudanças a partir do Concílio. Diz: “Os Padres conciliares conheciam bem a dificuldade que os fiéis tinham em participar numa liturgia da qual já não compreendiam plenamente a linguagem, as palavras e os sinais”¹¹. Em seguida, evidencia a importância das Instruções que se propunham a “concretizar as linhas fundamentais traçadas pela Constituição”¹², dando destaque à *Musicam Sacram*. Ele admite que não foram,

desde então, “redigidos novos documentos do magistério sobre esta temática”¹³, mas reconhece que “diversas e significativas intervenções pontificias que orientaram a reflexão e o compromisso pastoral”¹⁴.

O tema da música sacra foi, repetidas vezes, mencionado em discursos dos pontífices, a começar por Paulo VI, chegando a seu antecessor, Bento XVI. No âmbito do pontificado de Francisco, este discurso é de fato paramétrico, salvo por uma homilia proferida em Santa Marta, cujo foco se assentava sobre o silêncio, e não propriamente sobre o fenômeno musical.

Francisco destacou o número cinco de *Musicam Sacram* que tratou da ação litúrgica revestida de nobreza “quando é celebrada com o canto”. O desempenho da função própria do ministro está na base da participação da assembleia. Deste modo, a música exerce um verdadeiro ministério litúrgico, como orienta a *Sacrosanctum Concilium*, pois o canto possui uma função ministerial¹⁵ que está ligada à ação litúrgica e da qual decorre seu significado em estreita conexão com a finalidade de liturgia. E segue:

11 PAPA FRANCISCO, 2017, p. 293.

12 Id., p. 293.

13 Id., p. 294.

14 Id., p. 294.

15 Cf. SC, n. 112.

Desta maneira, a oração adquire uma forma mais jubilosa; o Mistério da sagrada Liturgia e a sua natureza hierárquica manifestam-se mais claramente; mediante a união das vozes alcança-se uma união mais profunda dos corações; através do esplendor das realidades sagradas, o espírito eleva-se mais facilmente até às realidades celestiais; finalmente, toda a celebração prefigura com maior clareza a sagrada Liturgia que se celebra na Jerusalém celeste¹⁶.

Seguindo as indicações conciliares, o Documento salienta várias vezes a importância da participação de toda a assembleia dos fiéis, definida “ativa, consciente e plena”, realçando também de maneira muito clara que a “verdadeira solenidade da ação litúrgica não depende tanto de uma forma rebuscada do canto ou de uma celebração magnificente das cerimônias, quanto de uma celebração digna e religiosa”¹⁷.

Para Francisco, é necessário “participar intensamente no Mistério de Deus, na ‘teofania’ que se realiza em cada celebração eucarística”. Deste modo, a participação torna-se cada vez mais ativa e consciente, capaz de levar-nos à contemplação e compreensão do sentido

do Mistério. Paradoxalmente, segundo ele, é do silêncio “religioso” que decorre a apreensão da “musicalidade da linguagem com que o Senhor nos fala”¹⁸ e, por conseguinte, evidencia a base da reflexão sobre a música litúrgica pós-conciliar com vistas a sua contribuição.

Destaca-se, a seguir, uma “dúplice missão” da Igreja com relação à música. Provavelmente, decorre daí a novidade do discurso de Francisco que, em essência, se punha, até então, a confirmar as contribuições de documentos precedentes, com alto valor para a reflexão. De um lado, “trata-se de salvaguardar e de valorizar a rica e variegada herança legada do passado, utilizando-a com equilíbrio no presente e evitando o risco de uma visão nostálgica ou ‘arqueológica’”¹⁹. Neste ponto, Francisco faz uma inferência sobre o aspecto quantitativo da produção musical sacro-litúrgica ao longo de séculos de história da Igreja e da música, nos variados estatutos estéticos, em diálogo – ou, não necessariamente – com a cultura musical ocidental, mormente europeia. Qualitativamente, ao não negar sua importância para a atualidade, adverte-nos para o uso inteligente e criterioso dessas

16 MS n. 5.

17 MUSICAM SACRAM, n. 11.

18 PAPA FRANCISCO. Homilia em *Domus Sancta Marta*.

L'Osservatore Romano, 12 de dezembro de 2013.

19 PAPA FRANCISCO, 2017, p. 294.

obras, sem dotá-las de invenções e imaginações sobre o *modus operandi* da música sacra em muitos âmbitos considerada modelar para a liturgia hodierna.

De outro lado da dúplici missão, está um desafio sempre atual, não só para o campo da teologia litúrgica, mas também da musicologia litúrgica, pois questiona os modelos operativos em que estão assentados o fazer litúrgico-musical nas celebrações da Igreja. Desafia:

é necessário fazer com que a música sacra e o canto litúrgico sejam plenamente ‘inculturados’ nas linguagens artísticas e musicais da atualidade; ou que saibam encarnar e traduzir a Palavra de Deus em cânticos, sons e harmonias que façam vibrar o coração dos nossos contemporâneos, criando inclusive um oportuno clima emotivo, que predisponha para a fé e suscite o acolhimento e a plena participação no Mistério que se celebra²⁰.

Em se tratando de inculturação, Francisco abre múltiplas possibilidades com o risco de abranger uma infinidade de formas possíveis de fazer música. Mesmo os debatedores no campo da inculturação, a partir de diferentes contextos geoculturais, relataram soluções possíveis dentro de convenções muito específicas para a sua

20 Id., p. 294-295.

realidade. Há, como sempre houve, um longo caminho a ser percorrido, seja no campo da formação musical e litúrgica, seja no campo dos estudos de antropologia cultural e da musicologia litúrgica, sobretudo. De fato, não é possível prejulgar se Francisco demonstra a necessária clareza sobre o alcance de seu discurso, na medida que, ao confirmar a primazia da Palavra, agrega a esse por menor o aspecto emocional, como uma das vias sensíveis pela qual o mistério adentre os corações, alimente a fé e promova a interiorização e a participação.

Sem dúvida, o encontro com a modernidade e a introdução das línguas faladas na Liturgia suscitou numerosos problemas: de linguagens, de formas e de gêneros musicais. Às vezes chegou a predominar uma certa mediocridade, superficialidade e banalidade, em detrimento da beleza e da intensidade das celebrações litúrgicas²¹.

Isto, na configuração neopentecostal de parcela da eclesialidade vigente, tem surtido efeitos desastrosos quando se refere à renovação da música litúrgica conforme as orientações da *Sacrosanctum Concilium* e, particularmente, da *Musicam Sacram*. Se a referência recai

21 Id., p. 295.

sobre a música religiosa, o ambiente e a mentalidade em que se configuram, a dispersão é ainda mais alarmante. Veja-se, por exemplo, a quantidade de produções musicais neste âmbito com defasagens teológicas (conhecimento ingênuo), minimalismos melódico-harmônicos, carência de poesia, ensimesmamento excessivo e uma piedade descolada do real e desconectada do humano.

Francisco dá indicativos a respeito da contribuição qualitativa dos “protagonistas” da música litúrgica. Suspeita-se que, ao dizer isso, reconheça que o *optimum* quantitativo das produções litúrgico-musicais já foi alcançado. Escreve:

Por isso, os vários protagonistas deste setor, músicos e compositores, maestros e coristas das *scholae cantorum* e animadores da liturgia podem oferecer uma contribuição preciosa para a renovação, sobretudo qualitativa, da música sacra e do canto litúrgico²².

O tema da formação não poderia ficar de fora, na continuidade deste discurso. O processo de renovação para lograr êxito, necessita de formação consistente e continuada. O tema da formação litúrgico-musical dos

que se preparam para o presbiterado precisa ser revigorado. É possível que um dos grandes responsáveis pelos reduzidos avanços no processo de renovação litúrgica e litúrgico-musical esteja ligada a uma deficiente formação de base. Ainda prevalece o caráter imitativo na condução litúrgica, o falso empoderamento laico em detrimento de uma formação paralela substancial para um agir pastoral litúrgico eficaz. Assim:

Para favorecer este percurso, é necessário promover uma adequada formação musical, inclusive em quantos se preparam para se tornar sacerdotes, no diálogo com as correntes musicais da nossa época, com as instâncias das diferentes áreas culturais e em atitude de ecumenismo²³.

Ao agradecer à audiência, utiliza-se de um vocábulo comum de seu pontificado: compromisso! Tal compromisso diz respeito ao modo como a música litúrgica deve ser conduzida, para desvelar a natureza e a finalidade da liturgia da Igreja. O apelo à ministerialidade da música na liturgia aparece ao final do discurso mesclado a uma terminologia que aponta para a dinâmica celebrativa da Igreja.

22 PAPA FRANCISCO, 2017, p. 295.

23 Id., p. 295.

Encorajo-vos a não perder de vista este objetivo importante: ajudar a assembleia litúrgica e o povo de Deus a experimentar e a participar, com todos os sentidos físicos e espirituais, no Mistério de Deus. A música sacra e o canto litúrgico têm a tarefa de nos conferir o sentido da glória de Deus, da sua beleza e da sua santidade, que nos envolve como uma “nuvem luminosa”²⁴.

A citação de elemento significativo da perícopes da Transfiguração do Senhor²⁵, “nuvem luminosa”, representou um sinal de esperança e de encorajamento ao final do discurso do Papa, oportunidade em que os presentes puderam saudá-lo pessoalmente.

3 Presença/ausência brasileira: algumas considerações

A presença brasileira no Congresso foi mencionada publicamente pelos organizadores do evento. Ao todo, 15 participantes, a maioria da região Sudeste²⁶. O Congresso destinava-se a representantes das Con-

ferências Episcopais e ordens religiosas, músicos, coordenadores de música litúrgica, associações e movimentos. O grupo brasileiro compunha-se de músicos, de membros da Equipe de Reflexão de Música Litúrgica da CNBB, de membros de institutos religiosos e “curiosos”.

O tema da inculturação teve um papel relevante nas discussões propostas pelo Congresso. Peritos provenientes de diferentes nações ao redor do mundo relataram pontos de convergência – como era de se esperar – com a instrução e os “arranjos” tópicos de compreensão da música sacra cuja finalidade se coadunasse à ação litúrgica.

O Brasil não esteve entre os convidados para a mesa de conferências. Não há razões que justifiquem a sua não inclusão, pois a peculiaridade de nossa reforma litúrgica e musical encontra poucos paralelos a outras iniciativas ao redor do mundo católico romano. O arrojo e a precocidade no tratamento do tema, as produções documentais e litúrgico-musicais, os eventos que marcaram a trajetória da música litúrgica no Brasil não deveriam

²⁴ Id., p. 295.

²⁵ Mt 17,5; Mc 9,7; Lc 9,34-35.

²⁶ Estatística dos participantes por países: Itália (140); Espanha (40); Estados Unidos (20); e Brasil (15). Outros 35 países se fizeram

representar. (PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA, 2017, p. 14-15).

ser submetidos ao silêncio como se pode perceber. O que pode ter acontecido, então?

Em consulta aos participantes e aos protagonistas da reforma no Brasil, e em confronto com o que pude testemunhar no âmbito da Equipe de Reflexão de Música Litúrgica, sugerem-se algumas hipóteses que podem dar substância a este pormenor.

1) O já mencionado *Inquérito* sobre a música sacra de 2013 não recebeu a devida atenção por parte de nossa Conferência Episcopal, em especial da Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia e/ou da Comissão Episcopal Pastoral para Cultura e Educação. Não se teve acesso ao relatório submetido à Santa Sé e suspeita-se que tenha havido uma carência de profundidade e abrangência para ser considerado em seu teor. Uma problemática da Igreja no Brasil é a de que a maioria das dioceses não dispõe de comissões de liturgia efetivas, com competência para o enfrentamento de temáticas mais refinadas. Deste modo, o relatório das comissões da CNBB pode ter sido ilustrativo dessa defasagem sistemática em que se encontra a liturgia no Brasil, não obstante a existência de documentos de particular importância.

2) O ensino de liturgia, bem como o de música, nos institutos de teologia e nas casas de formação

encontra-se ainda difuso e assistemático, desprovido de um corpo de estudiosos capacitado a discutir temas relevantes, a partir de seus antecedentes, e de traçar perspectivas de análise e superação diante das demandas propostas pelo Inquérito.

3) A tentativa de promover a inculturação da liturgia no Brasil²⁷, ensejado a partir do Concílio, teria sido capaz de assustar as formas operacionais tão caricatas difundidas naquele âmbito, uma vez que alguns relatos trataram de uma profundidade de análise mais devotada aos “lugares comuns” do que propriamente a uma leitura consistente do fazer litúrgico-musical renovado.

4) Os estudiosos da música litúrgica brasileiros são desconhecidos naquele meio, devido ao fato de que muitos músicos não fizeram “carreira” no campo da teologia, ou porque não se nutriram das fontes “romanas”

27 A criação do Secretariado Nacional de Liturgia, em 1962; da Comissão Nacional de Música Sacra, em 1964; o primeiro Encontro Nacional de Liturgia, a partir de 1964; e os Encontros Nacionais de Música Sacra, a partir de 1965, sem contar o sucedâneo de eventos devotados à causa da reforma da liturgia; os documentos publicados década após década; a publicação do *Hinário Litúrgico*, a partir da década de 1980, entre um sem-número de iniciativas oficiais, não teriam merecido a atenção dos Conselhos Pontifícios?

para forjar as suas construções e iniciativas²⁸. A música de que dispomos para a liturgia da Igreja no Brasil nasceu e nutriu-se a partir de contextos muito misturados. Assim, mesmo que não dispuséssemos de estudiosos de renome requerido, dispomos de uma história extensamente profícua no campo litúrgico-musical que nos capacita a dizer da nossa música, sejam as produções autóctones, sejam as obedientes aos aderidos ditames da concepção europeia de música litúrgica.

São hipóteses que permitem leituras isoladas, mas que, se tomadas em conjunto, incidem sobre uma atmosfera que não se afina a confrontos de ideias e à oferta de possibilidades de análise que deem origem a novas perspectivas.

Temos, sim, uma musicologia litúrgica brasileira em franco desenvolvimento. Não dispomos de reconhecimento por parte de membros da hierarquia da Igreja. São poucos que se dedicam a valorizar a quem disponha de conhecimentos e habilidades em âmbitos estranhos ao seu *metiér*. Deste modo, a valorização fica

circunscrita ao âmbito da superficialidade e das conveniências próprias de um conhecimento basal que agrada aos que detêm algum poder. Por outro lado, iniciativas no âmbito da Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia, por meio de suas equipes de reflexão, têm surtido efeito na práxis litúrgica. No campo litúrgico-musical, foram realizadas 12 edições do Encontro de Compositores e Letristas²⁹, que, anualmente, conta com a presença de cerca de 30 compositores, poetas, liturgistas, musicólogos e músicos práticos. Neste período, várias lacunas foram supridas na música litúrgica e o caminho encontra-se aberto para novas criações e possibilidades. O trabalho está sendo feito, independentemente do necessário reconhecimento. É do reconhecimento que brota a possibilidade de intervenção e direcionamento.

Considerações finais

O Congresso como evento comemorativo cumpriu os seus objetivos. A memória dos 50 anos da Instrução

²⁸ Isto não é verdade, porque boa parte de nossos compositores e estudiosos da música litúrgica, senão europeus, estudaram naquele contexto e lograram a capacidade de traduzir à moda brasileira o caminho proposto.

²⁹ Cf. MOLINARI, 2008, p. 8-9. O Encontro de Compositores e Letristas da CNBB acontece anualmente em São Paulo, desde 2006.

fez-se necessária para levantar da poeira as potencialidades da norma e as suas possibilidades de implementação e revigoração. *Musicam Sacram* não foi superada por nenhum outro documento.

Por esta razão, exceto pelo discurso do Papa, o Congresso não foi efetivo na promoção de discussões de caráter prático a respeito da música litúrgica. Os participantes foram brindados com conferências bem conduzidas, mas, ao mesmo tempo, “blindados”, isto é, não houve espaços para comentários, interferências ou questionamentos. A dispersão geográfica dos conferencistas³⁰ não deu conta de ser representativa da renovação litúrgico-musical em chave global. Neste sentido, faltou uma devolutiva acerca do Inquérito, o que daria uma visão mais abrangente do estado da arte da música litúrgica. A metodologia do Congresso tornou inviável a partilha de experiências e realidades plurais dos vários países cuja voz não pôde ser ouvida no plenário.

A ausência do Brasil no painel das discussões do Congresso, se por um lado causou estranheza, por outro desafiou uma parcela dos participantes brasileiros a as-

sumir com maior seriedade e método o trabalho em prol do desenvolvimento da música litúrgica, inclusive com produções teóricas e formação competente neste campo. Que tenha servido de lição, sobretudo, para quem se arrisca a pensar que o seu trabalho se basta entre as cercas de um ofício mínimo. Além do estudo metódico, há que se buscar parcerias efetivas com áreas afins para dar solidez aos argumentos.

O canto e a música que integraram as celebrações litúrgicas realizadas durante o Congresso³¹ foram reveladores de um modelo operativo em configuração romana que, apesar de ser considerado modelar para a igreja universal, pautou-se pela “nobre simplicidade”, mas também por formas cristalizadas.

Francisco não canta solo algum, de fato. Seu limite! Observa-se nele, enquanto preside, um esforço para juntar-se ao coro do povo de Deus, sem destaque. Mas, como Igreja, tem exercido um ofício fascinante de acordar-nos para o adormecido e de provocar-nos aos “olhos de ver” e às entrelinhas.

30 Cf. Quadro 1, acima.

31 Ofício de Vésperas na Capela Sistina (2 de março) e Celebração Eucarística na Basílica de São Pedro (3 de março).

Referências

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia. In: Compêndio Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 259-306.

MOLINARI, P. (org.). Música brasileira na liturgia II. São Paulo: Paulus, 2009.

PAPA FRANCISCO. Discorso del Santo Padre Francesco ai partecipanti al convegno internazionale sulla Musica Sacra. In: PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA CULTURA. Musica e chiesa: culto e cultura a 50 anni dalla Musicam Sacram. Roma: Aracne, 2017. p. 293-295.

_____. *Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso Internacional de Música Sacra*. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/>

[march/documents/papa-francesco_20170304_convegno-musica-sacra.html](http://www.vatican.va/press/march/documents/papa-francesco_20170304_convegno-musica-sacra.html)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

_____. Meditazione mattutina nella cappella della *Domus Sanctae Marthae*. Quando il silenzio è musica. *L'Osservatore Romano*, Roma, 12 dic. 2013. n. 286.

PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA. Convegno sulla musica. Disponível em: <<http://www.cultura.va/content/cultura/it/eventi/major-conference.html>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

PONTIFÍCIO CONSIGLIO DELLA CULTURA. Musica e chiesa: culto e cultura a 50 anni dalla Musicam Sacram. Roma: Aracne, 2017.

RAINOLDI, FELICE. **Traditio canendi**: appunti per una storia dei riti cristiani cantati. Roma: CLV, 2000.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. Instrução Musicam Sacram sobre a música na liturgia. In: Documentos da Igreja. Documentos sobre a música litúrgica. São Paulo: Paulus, 2005. p. 155-178.

Cadernos Teologia Pública

- N. 1 *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Koenigs, SJ
- N. 2 *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 *Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- N. 23 *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier

- N. 32 *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 *"Ite, missa est!": A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 *Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio "Summorum Pontificum"* – Andrea Grillo
- N. 57 *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislano Nóbrega de Lima
- N. 70 *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haight

- N. 75 *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan
- N. 76 *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
- N. 80 *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
- N. 81 *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
- N. 82 *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
- N. 83 *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”* – Renato Ferreira Machado
- N. 85 *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
- N. 87 *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin
- N. 88 *Política e perversão: Paulo segundo Žižek* – Adam Kotsko
- N. 89 *O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39* – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 *A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer* – John W. O’Malley
- N. 91 *Religiões brasileiras no exterior e missão reversa* – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 *A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek* – Adam Kotsko
- N. 93 *O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas* – José Oscar Beozzo
- N. 94 *Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco* – John O’Malley
- N. 95 *“Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente* – Massimo Faggioli
- N. 96 *As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém* – Aspects epistemológicos e constelações atuais – Christoph Theobald
- N. 97 *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas* – Vitor Westhelle
- N. 98 *O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo* – Gilles Routhier
- N. 99 *Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 *O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 *Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo* – Elias Wolff
- N. 102 *A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II* – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 *O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!* – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 *A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II* – Christoph Theobald
- N. 105 *Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer* – Ney Brasil Pereira
- N. 106 *Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja* – Rejane Maria Dias de Castro Bins

- N. 107 *O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia* – Antonio Manzatto
- N. 108 *Morte como descanso eterno* – Luís Inacio João Stadelmann
- N. 109 *Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica* – Guillermo Kerber
- N. 110 *A Encíclica Laudato Si' e os animais* - Gilmar Zampieri
- N. 111 *O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitatis Humanae e Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 *O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco* – Christoph Theobald
- N. 113 *Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos* – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si', o pensamento de Morin e a complexidade da realidade* – Giuseppe Fumarco
- N. 115 *A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 *A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um sensus fidelium digitalis?* Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si' e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência?* – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 *Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas* – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 *A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica* – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 *Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política* – Amos Yong
- N. 121 *Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída* – Tea Frigerio
- N. 122 *Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental* – Colby Dickinson
- N. 123 *A sensibilidade religiosa de Thoreau* – Edward F. Mooney
- N. 124 *Diáconos na Igreja Maronita* – Phyllis Zagano
- N. 125 *Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben* – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 *Teologalidade das resistências e lutas populares* – Francisco de Aquino Júnior
- N. 127 *A glória como arcana central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão* – Colby Dickinson
- N. 128 *O Princípio Pluralista* – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 *Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética* – Ivone Gebara
- N. 130 *Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben* – Joel Decothé Junior
- N. 131 *A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval* – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 *O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos* – Massimo Borghesi
- N. 133 *Os documentos eclesiais pós-sinodais “Familiaris Consortio” de Wojtyla e “Amoris Laetitia” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial* – José Roque Junges
- N. 134 *A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco* – Massimo Faggioli
- N. 135 *A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento* – Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 *Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral* – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 *A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium* – Paulo Suess
- N. 138 *O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial”* – Andrea Grillo
- N. 139 *A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança?* – Austen Ivreigh
- N. 140 *A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas* – Andrea Grillo



Márcio Antônio de Almeida. Doutor em Música pelo Instituto de Artes da UNESP. Membro da presidência do International Study Group for Liturgical Music (Universa Laus). Membro do Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard. Membro da Equipe de Reflexão de Música Litúrgica da CNBB. Atua como professor de pós-graduação lato sensu e no ensino básico. Regente do Coral do Hospital Santa Catarina e do Coral da Associação de Advogados de São Paulo.

Algumas Publicações

ALMEIDA, Marcio A.. Mistagogia da música: um estudo acadêmico a serviço da formação litúrgico-musical. **Revista da Liturgia**, v. 37, p. 23-25, 2010.

_____. Em tom maior: cante o mistério na liturgia das comunidades. **Paróquias e Casas religiosas**, v. 24, p. 54-55, 2010.

_____. **Música e reforma católica romana: temas, versões e algumas variações.** In: Joêzer Mendonça. (Org.). O som da reforma: a música no tempo dos primeiros protestantes. 1ed. Curitiba: CRV, 2017, v., p. 125-135.

_____. **A liturgia, epifania da palavra de Deus na Sacrosanctum Concilium e nos documentos latinoamericanos: música e canto litúrgico.** In: CNBB; ASLI. (Org.). Liturgia: epifania da palavra de Deus. 1ed. Brasília: Edições CNBB, 2014, v. 4, p. 62-66.



UNISINOS

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS



MISTO
Papéis
FSC® C106610